REVISTA TÓPICOS
ISSN 2965-6672 | Qualis A2

DISPARIDADES RACIAIS NA ENFERMAGEM: DESIGUALDADE DE OPORTUNIDADES, RELAÇÕES DE TRABALHO E REPRESENTATIVIDADE PROFISSIONAL

RACIAL DISPARITIES IN NURSING: INEQUALITY OF OPPORTUNITIES, LABOR RELATIONS, AND PROFESSIONAL REPRESENTATION

Ciências Sociais Aplicadas, Ciências da Saúde • 25/11/2026

REGISTRO DOI: 10.70773/revistatopicos/795530805

Maria Luisa Cavalcante Souza Caldas Marques[1]

Beatriz Santana de Souza Lima[2]

Uirassú Tupinambá Silva de Lima[3]

RESUMO

O estudo analisa como os fatores sociorraciais influenciam as relações trabalhistas e afetam a efetividade da força de trabalho, com ênfase nas desigualdades enfrentadas por colaboradores negros e pardos em comparação aos brancos. Busca-se evidenciar que, apesar dos avanços das políticas públicas voltadas à inclusão nos espaços administrativos e profissionais, as desigualdades raciais permanecem presentes nesses ambientes. Nesse contexto, destaca-se a necessidade de uma gestão ativa e comprometida com a promoção da equidade racial, capaz de combater práticas discriminatórias e garantir oportunidades mais justas e igualitárias para todos os colaboradores, além da aplicação de providências sociais com o objetivo de fortalecer as políticas equânimes já vigentes.

Palavras-chave: Enfermagem; Racismo Institucional; Minorias sociais; Relações de trabalho; Desigualdade na área da saúde; Educação antirracista.

ABSTRACT

The study analyzes how socio-racial factors influence labor relations and affect workforce effectiveness, with an emphasis on the inequalities faced by Black and Brown employees compared to white employees. It seeks to demonstrate that, despite advances in public policies aimed at inclusion in administrative and professional settings, racial inequalities remain present in these environments. In this context, there is a clear need for active management committed to promoting racial equity—management capable of combating discriminatory practices and ensuring fairer and more equal opportunities for all employees—as well as the implementation of social measures aimed at strengthening the equitable policies already in place.

Keywords: Nursing; Institutional racism; Social minorities; Labor relations; Inequality in healthcare; Anti-racist education.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, os debates acerca das disparidades raciais na Enfermagem têm ganhado cada vez mais espaço, demonstrando que a relação sociorracial aos poucos tem deixado de ser um tabu para se tornar — de forma comprovada — um fator que compromete a estabilidade (mental e física) de seus colaboradores e os afeta diretamente. O objeto deste estudo são as diferenças étnico-raciais no cuidado de Enfermagem no atendimento público ou privado.

Quando se pensa na história do cuidado, majoritariamente vem ao imaginário popular a figura da mulher caridosa, gentil e até mesmo maternal. Porém, a forma como essa figura se apresenta consolida-se na imagem de uma mulher branca, à qual se associa o arquétipo desse cuidado. De acordo com o escritor americano Teju Cole (2012), em uma publicação da revista *The Atlantic*, "O complexo industrial do Salvador Branco não tem a ver com justiça. Tem a ver com proporcionar uma grande experiência emocional que valide privilégios", dando ênfase ao fato de que a caridade e a gentileza brancas são apenas formas de validar o ego e não de genuinamente contribuir para um bem em comum. Não se trata de se sentir culpado por ser branco: a questão é se responsabilizar. Diferente da culpa, que leva à inércia, a responsabilidade leva à ação (Djamila Ribeiro, 2019).

Toda a construção histórica da Enfermagem foi feita não apenas por mãos brancas, mas possui a contribuição histórica das populações

negras que foram invisibilizadas e apagadas dessa trajetória até serem quase completamente esquecidas. Muito se fala sobre Florence Nightingale e sua contribuição na Crimeia, porém pouco se fala da verdadeira pioneira da Enfermagem moderna de cor. Segundo sua autobiografia *Viagens de Mary Seacole* (1857), a senhora Seacole misturava saberes ancestrais unidos à medicina tradicional da época para levar um resquício de esperança e salvar as vidas dos soldados feridos em campo, mas infelizmente sua história caiu no esquecimento e viveu às margens dos registros oficiais (motivados pelo racismo fervoroso da época) até ser resgatada décadas depois.

Florence rejeitou Mary Jane Seacole, uma mulher negra altamente qualificada, contribuindo assim para a perpetuação do racismo que, ainda hoje, é evidenciado pela disparidade nos cargos de importância e no quantitativo de profissionais negros na enfermagem (RIBEIRO RUELA, Esthéfane Mayara; FIDELIS, Ariana; MELO VILANOVA, Jaiane de; MORAES FILHO, Iel Marciano de, 2025).

Atualmente, a questão racial continua sendo um elemento social determinante da saúde brasileira e acaba por submeter seus servidores a situações vexatórias e humilhantes dentro do ambiente profissional e até mesmo em suas vidas pessoais. Como afirma o Presidente do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), Manuel Neri (2025), em uma publicação no site do COFEN, “A violência contra os profissionais de Enfermagem é complexa, e o racismo é uma de suas formas mais persistentes”, tratando-se de uma questão de violência enraizada na sociedade que acaba por considerar essas brutalidades como corriqueiras e até mesmo “coisas comuns” (COFEN, 2025).

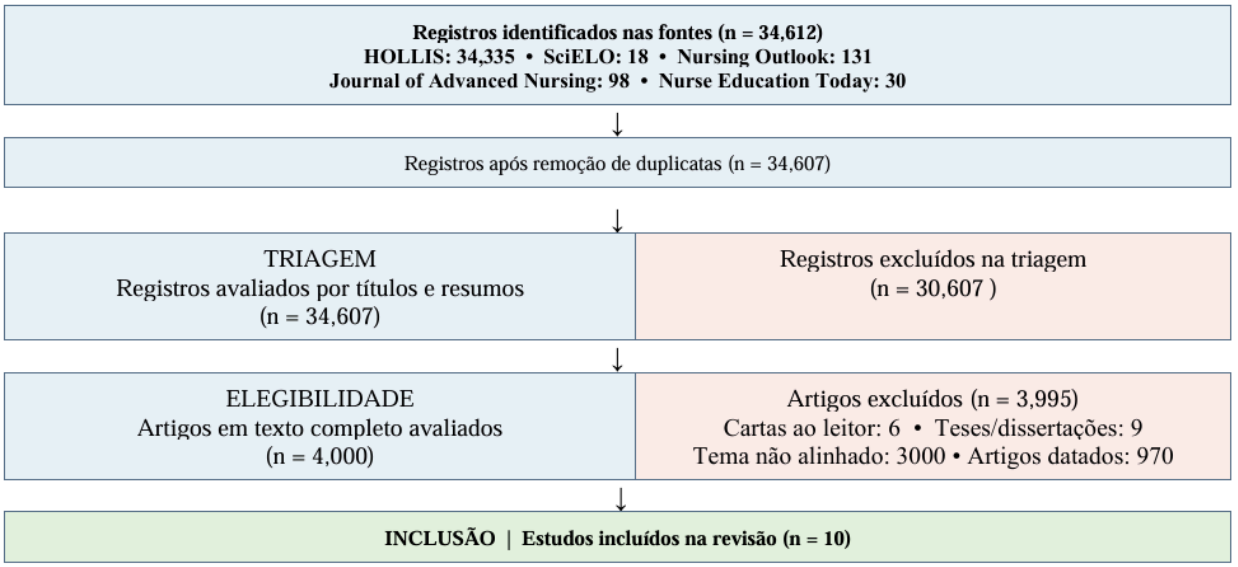
A questão, perante esse histórico, permanece como uma incógnita que parece perdurar como um fantasma assombrando a narrativa. Será mesmo que a Enfermagem é verdadeiramente uma área inclusiva a todos os seus colaboradores? Ou trata-se apenas de uma "fachada inclusiva" que tenta remendar e apagar os anos de negação sobre um espaço o qual, desde os primórdios, sempre fora ocupado pelas vivências e saberes ancestrais de um povo que nunca conheceu nada além da represália e do profundo repúdio?

O objetivo deste estudo é analisar as diferenças étnico-raciais no cuidado de Enfermagem no atendimento público e privado. Faz emergir a seguinte pergunta norteadora: *Será mesmo que a Enfermagem é verdadeiramente uma área inclusiva a todos os seus colaboradores?*

Este estudo é relevante pois elucida um problema social constante que muitas vezes é silenciado e que cada vez mais constrói barreiras invisíveis que afetam profundamente esses colaboradores, sua forma de trabalho e reflete um problema que se estende para além do estrutural ou administrativo, localizando-se enraizado na nossa sociedade, não garantindo a esses colaboradores condições equânimes aos seus pares mais favorecidos. Estudos internacionais que abordam o racismo na enfermagem trazem uma diversidade de experiências racistas que esses profissionais vivem, que vão desde a sua formação e permanecem por toda a sua vida profissional e pessoal (HIGINO DA SILVA, Luciana Silverio Alleluia; MELO TAVARES, Claudia Mara de; DE PAIVA, Lais Mariano; DA SILVA, Thiago Nogueira, 2024).

2. METODOLOGIA

Figura 1. Fluxograma de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos estudos (PRISMA 2020).



Síntese metodológica

Objetivo	Analisar diferenças étnico-raciais no cuidado de enfermagem nos atendimentos público e privado.
Pergunta norteadora	A enfermagem é uma área efetivamente inclusiva para todos os seus colaboradores?
Busca	Fontes: SciELO, HOLLIS, Journal of Advanced Nursing, Nursing Outlook, Nurse Education Today e outras. Operador: AND. Descritores em português e inglês: Nursing AND Racism; Cuidado de Enfermagem AND Racismo; Cuidado de Enfermagem AND Preconceito; Nursing AND Racial Disparities.
Inclusão	Artigos científicos em português ou inglês, disponíveis na íntegra, que abordem disparidade racial, racismo institucional e relações de trabalho na enfermagem.
Exclusão	Cartas ao leitor, teses, dissertações, duplicatas e artigos sem relação direta com o objetivo, artigos datados.
Estudos incluídos	Estados Unidos: 8 artigos; Brasil: 2 artigos.

Fonte: Autora, com base nos dados da revisão e nas diretrizes PRISMA 2020.

Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura, de caráter descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa. Este método de revisão integrativa permite que seja realizada a síntese de múltiplos estudos publicados e também possibilita conclusões gerais a respeito de determinada área de estudo.

Para a condução da pesquisa, foram estabelecidas as seguintes etapas: 1) A formulação da pergunta norteadora; 2) O estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão dos artigos; 3) Busca e seleção dos estudos nas bases de dados científicas (como SciELO, HOLLIS - Catalog of Harvard, Journal of Advanced Nursing, Nursing Outlook, Nurse Education Today e outras fontes); 4) A extração e análise crítica dos dados selecionados; e 5) Apresentação e discussão dos resultados encontrados.

A procura por essas publicações científicas se deu pela utilização do operador booleano 'AND' juntos de descritores em inglês e português como os termos: Nursing AND Racism, Cuidado de Enfermagem AND Racismo, Cuidado de Enfermagem AND Preconceito, Nursing AND Racial Disparities.

Os critérios de inclusão definidos, foram: Artigos científicos publicados em Português e Inglês, que abordassem diretamente a temática de disparidade racial, racismo institucional e relações de trabalho na Enfermagem, disponibilizados na íntegra. Foram escolhidos como critérios de exclusão as cartas ao leitor, teses e dissertações duplicadas ou que não respondessem diretamente ao objetivo proposto, além de artigos datados.

3. RESULTADOS

Autor/Ano	Título do artigo	Periódico	Objetivo	Método/delineamento	Principais resultados e contribuições
Blythe (2024)	"We'd really love to but we're really busy":	*Journal of Advanced Nursing*, v. 80, p. 214–225.	Analisar as barreiras estruturais que dificultam a	Estudo qualitativo, com abordagem crítica.	Evidenc que o silencia nto, a precari ão do

⚠ Esta tabela possui muitas colunas e foi cortada para impressão. Para visualizá-la completa, acesse o artigo original em: https://revistatopicos.com.br/artigos/disparidades-raciais-na-enfermagem-desigualdade-de-oportunidades-relacoes-de-trabalho-e-representatividade-profissional?noblockage

Por meio das definições literárias dos artigos mapeados nas bases de dados e alinhados aos objetivos deste estudo, observou-se uma convergência temática significativa quanto à presença marcante da população negra e parda na linha de frente da Enfermagem brasileira.

Os dados levantados na literatura indicam que, embora a grande maioria da força de trabalho da Enfermagem seja composta por pretos e pardos (auxiliares, técnicos e parte dos enfermeiros base), há um desbalanceamento nítido na ocupação de cargos de liderança, gestão e nas instâncias de maior prestígio ou remuneração. Constatou-se a persistência de assimetrias salariais: profissionais negros e pardos frequentemente recebem remunerações menores quando comparados aos seus pares

brancos, mesmo ocupando cargos idênticos e exercendo as mesmas funções técnicas.

Ademais, a literatura traz um holofote necessário para as formas de agressões, discriminações e preconceitos (sejam velados ou explícitos) que acabam por se incorporar à rotina de trabalho destes profissionais. Tais vivências acabam por gerar uma sobrecarga emocional, adoecimento mental e limitam o pleno desenvolvimento profissional dessa categoria.

A busca dos estudos fora realizada dentro do período de agosto de 2026 à outubro de 2026, utilizando-se de várias fontes e pesquisas em diferentes idiomas (devido à escassez de material dentro dos determinantes utilizados). Tendo como estratégia de análise os resultados encontrados que melhor condiziam com a proposta apresentada, fazendo um agrupamento desses dados para construir uma melhor uma análise da discussão apresentada.

O país que mais se fez presente durante a pesquisa desses dados fora os EUA, com 8 artigos publicados e ressaltando a presença de artigos do Brasil, com 2 artigos publicados. O método mais presente nos estudos foi a via qualitativa e a revisão das literaturas a partir de outras já existentes.

4. DISCUSSÃO

Os resultados obtidos acabam por demonstrar que o racismo na Enfermagem não trata-se de um evento isolado ou casual, mas sim uma expressão do racismo estrutural e institucional que se encontra enraizado nas organizações de saúde, tanto públicas quanto privadas. Conforme apontado por Emami e Butch de Castro (2021) e corroborado pelos dados do COFEN (2025), as instituições

reproduzem dinâmicas históricas de subalternização dos corpos negros.

Enquanto a base da pirâmide da Enfermagem — composta majoritariamente por técnicos e auxiliares de enfermagem — possui um perfil predominantemente negro, os postos de tomada de decisão, coordenação de grandes unidades e docência de elite ainda exibem uma barreira racial invisível. Essa divisão racial do trabalho reflete o mito da democracia racial, que invisibiliza as barreiras impostas à ascensão profissional de enfermeiros pretos e pardos.

Essas microagressões cotidianas e a violência moral enfrentadas por esses profissionais nos serviços de saúde comprometem não apenas a saúde mental do trabalhador, mas também a segurança do paciente, visto que ambientes de trabalho marcados pelo medo, pelo estresse crônico e pela discriminação reduzem a eficácia da comunicação interprofissional e a qualidade assistencial. Portanto, discutir equidade racial na saúde é, primariamente, uma questão de segurança desses colaboradores e de direitos humanos.

Embora exista a conscientização da classe, pouco se demonstra ser feito para conter e combater esses preconceitos. O quê pode ser entendido como um estado de conformidade perante todas essas situações, pois a Enfermagem carrega séculos de tradições e práticas que não são trazidas ao questionamento devido à esse respeito perante a profissão porém toda a trajetória deste ofício possui exemplos de racismo quê acabam por impactar nas práticas de enfermagem até os dias de hoje, conforme apontado por Sharps; Alexander; Nijie-Carr e Alhusen (2023).

O preconceito dentro dessa área trata-se de um reflexo e herança das injustiças sociais e históricas, que afeta não só aqueles que vem a se tornar enfermeiros (as) mas também os futuros líderes, membros das equipes e aqueles que tornam público as agressões. Pois a Enfermagem, no lugar de Cuidador e quem oferta o Cuidado, tem quê se tornar um ofício social e que pregue a justiça epistêmica para fazer da área da saúde uma ambiente justo e seguro, segundo elucida Tembo e Moorley (2025).

Para além de combater a discriminação dentro do ambiente de trabalho, é importante trazer a discussão de equidade racial para dentro das salas de graduação desses futuros prestadores de serviço. Tentando anexar uma pedagogia de antirracismo dentro do currículo educacional porém a mesma se prova um desafio pois exige além da preparação de seus educadores, uma estrutura própria e benéfica para o aprendizado dessas políticas, conforme Boakye, Prendergast e Bailey (2024).

5. CONCLUSÃO

O presente estudo permitiu evidenciar que a disparidade racial na Enfermagem constitui um obstáculo real e persistente para a efetivação de um ambiente de trabalho justo, democrático e equânime. Conclui-se que, apesar de avanços discursivos e políticas públicas de inclusão, a estrutura corporativa e assistencial da saúde ainda reproduz desigualdades históricas que penalizam profissionais negros e pardos em termos salariais, de progressão de carreira e de proteção contra violências institucionais.

Torna-se imperativa a implementação de estratégias ativas por parte dos gestores de saúde, conselhos de classe e instituições de ensino

— como o próprio Centro Universitário Cesmac e as demais corporações — para promoção do letramento racial, de canais efetivos de denúncia e acolhimento contra o racismo institucional, e políticas afirmativas de ascensão profissional. Somente através de um enfrentamento aberto e estruturado dessa ferida social será possível caminhar rumo a uma Enfermagem que é verdadeiramente justa, humana e igualitária.

A profissão de Enfermagem tem as ferramentas e oportunidades necessárias para tomar as rédeas e formar uma nova geração de profissionais que terão uma tolerância menor e poderão implementar políticas antirracistas em seu ambiente de trabalho. Porém as implicações de incorporar tamanhas ferramentas e ações exigem apoio das Instituições de ensino, além de tornar essas barreiras invisíveis aparentes e construir novas diretrizes para apoiar essas políticas equânimes sem aparentar superficialidade políticas.

Por meio deste trabalho, constata-se que existem inúmeras literaturas que retratam o racismo na Enfermagem e quanto mais os anos passam, novos artigos e trabalhos de cunho científico abordando essa temática surgem. Embora existam tantas fontes e artigos, comparando estas literaturas com a realidade vigente, como a questão desse preconceito continua a habitar nossos setores profissionais mesmo com inúmeros dados, denúncias, relatos sendo apresentados todos os dias?

A resposta não vem de formas simples e muito menos existe uma solução de curto prazo, é um problema muito mais complexo e necessita não apenas de atitudes individuais e sim de um esforço conjunto que deve começar de dentro dos Centro de Estudo para formar um nova leva de profissionais que sabe identificar as

problemáticas (desde as mais veladas até as mais esdrúxulas) e entende quais caminhos tomar para evitar que essas situações se repitam ou então que os comportamentos continuem a serem reproduzidos.

Quando se trata de uma realidade como a do Brasil, toda essa complexidade torna-se ainda mais obscura pois adentra-se uma área mais cinzenta e que levaria muito tempo para tentar desconstruir condutas quê para muitos profissionais (seja eles dentro ou fora da categoria) não existe a violência ou a ofensa por detrás das atitudes porque a história da Enfermagem é um amalgama complexo que ao mesmo tempo que abraça as populações vulneráveis para oferecer o cuidado, por muitas vezes esquece de abraçar as minorias que compõem o corpo que irá fornecer o cuidado.

Por fim, compreende-se que essa revisão é mais um passo em direção ao que pode ser um futuro melhor tanto para a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn Nacional) quanto para a Sociedade Brasileira como um todo pois este trabalho pode trazer um olhar mais sensível a situações pouco faladas entre os pares. Servindo como ponto de começo para novas discussões, conversas, pesquisas, reflexões e (se possível) futuras ações e estratégias que possam ajudar a desconstruir certos padrões há muito normalizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLYTHE, Victoria Bell. **“We’d really love to but we’re really busy”: Silence, precarity and resistance as structural barreirs to anti-racism in nursing education.** Journay of Advanced Nursing, 2024; 80: 214 - 225.

BOAKYE, Priscilla N.; PRENDERGAST, Nadia; BAILEY, Annete. **Challenging anti-racism in nursing education: A moral and professional call to action.** Nurse Education Today 141 (2024), 1 – 5.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **A Enfermagem brasileira é negra.** Disponível em: https://www.cofen.gov.br/a-enfermagem-brasileira-e-negra/. Acesso em: 2026.

COLE, Teju. **The White Savior Industrial Complex.** The Atlantic, 2012. Disponível em: https://www.theatlantic.com/international/archive/2012/03/the-white-savior-industrial-complex/254843/.

EMAMI, Azita; CASTRO, Butch de. **Confronting racism in nursing.** Nursing Outlook (69), 2021, 714 – 716.

HIGINO DA SILVA, Luciana Silverio Alleluia; MELO TAVARES, Claudia Mara de; DE PAIVA, Lais Mariano; DA SILVA, Thiago Nogueira. **A cor do preconceito ou preconceito de cor? Revisando racismo e cuidado decolonial na enfermagem.** Revista de Políticas Públicas Vol. 28 (2024), 33 – 51.

KOSCHMANN, Kara S; JEFFERS, Noelene K.; HEIDARI, Omeid. **“I can’t breathe”: A call for antiracist nursing practice.** Nursing Outlook (68), 2020, 539 – 541.

NERI, Manuel. Pronunciamento institucional sobre violência e racismo na Enfermagem. Conselho Federal de Enfermagem, 2025.

ODOM-FORREN, Jon. **Are We Still Dealing With Racism in Nursing?.** Journal of PeriAnesthesia Nursing (38), 2023, 533 – 534.

RIBEIRO RUELA, Esthéfane Mayara; FIDELIS, Ariana; MELO VILANOVA, Jaiane de; MORAES FILHO, Iel Marciano de. **Florence Nightingale racista? Sua história e contribuição para o racismo na enfermagem.** Semina: Ciências Sociais e Humanas Vol. 46 (2025), 9 – 20.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SEACOLE, Mary. **Wonderful Adventures of Mrs. Seacole in Many Lands.** London: James Ridgway, 1857.

SHARPS, Phyllis; Alexander, Kamila; Nijie-Carr, Veroncia; Alhusen, Jeanne. **How can adapting anti-racism move nursing close to equity?.** Journal of Advanced Nursing Vol. 79, Edição 5 (2023), e30 – e32.

TEMBO, Agness Chisanga; MOORLEY, Calvin. **Reckoning With Racism In Nursing: Towards Structural Transformation and Epistemic Justice.** Journal of Advanced Nursing (2025), 4065 – 4068.

VILLARRUEL, Antonia M.; BROOME, Marion E. **Beyond the naming: Institucional racism in nursing.** Nursing Outlook Vol. 68 (2020), 375 – 376.

---

[1] Orientando. Aluna do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Cesmac. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail

[2] Orientadora. Professora do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Cesmac. E-mail: acesse o artigo original para visualizar

o e-mail

[3] Coorientador. Professor do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Cesmac. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail